

Análise materialista do discurso: Michel Pêcheux, presente!¹

Maria Cristina Leandro Ferreira^{*}

<https://orcid.org/0000-0003-3559-4489>

Evandra Grigoletto^{**}

<https://orcid.org/0000-0003-1458-0491>

Juliana da Silveira^{***}

<https://orcid.org/0000-0002-3811-4703>

Andréia da Silva Daltoe^{****}

<https://orcid.org/0000-0002-8370-6441>

Este Dossiê é mais um momento, investido de toda uma singularidade, de celebrarmos nosso encontro com a obra de Michel Pêcheux: um encontro marcado por um enorme respeito teórico, por consequências acadêmicas e de pesquisas

¹ Esta publicação é resultado do colóquio internacional “Actualité de Michel Pêcheux”, organizado na Universidade Paris Nanterre e na Universidade Paris-Est Créteil, de 5 a 7 de fevereiro de 2025, por Frédérique Sitri, Hugo Dumoulin, Jacqueline Authier-Revuz, Freda Indursky, Alma Bolón, Ricardo Bibiano, Denis Mazzucchetti, Gabriella de Luca, Timothée Premat, Nora Bouaziz, Lena Boukhelifa, Cyril Bruneau e Yoohee Yoon. Ela se inscreve em um conjunto que inclui dois dossiês em revistas brasileiras (Investigações e Linguagem em (Dis)curso) e dois dossiês em revistas francesas (HEL e Link).

^{**} Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente aposentada do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e docente convidada do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS. Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Líder do grupo de pesquisa Oficinas em Análise do Discurso: conceitos em movimento. E-mail: kittyleandro@gmail.com.

^{**} Universidade Federal de Pernambuco. Docente do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE. Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Líder do Núcleo de Estudos em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual (NEPLEV). E-mail: evandra.grigoletto@ufpe.br.

^{***} Universidade do Sul de Santa Catarina/Instituto Ânima. Docente do Departamento de Comunicação e Artes e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da UniSul. Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Maringá. Líder do Grupo de Estudos Políticos e Midiáticos (GEPOMI). E-mail: julianasilve@gmail.com.

^{****} Universidade do Sul de Santa Catarina/Instituto Ânima. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da UniSul. Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Líder do Grupo de Pesquisa Relações de Poder, Esquecimento e Memória (GREPEM). Líder do Coletivo Pró-Educação de Tubarão – SC. E-mail: andreiadaltoe@gmail.com.



comprometidas com sua obra e, principalmente, por relações de afeto. Um encontro que mantém vivo o legado de Pêcheux, não sem o encorajamento que ele mesmo estimulou para que olhássemos o social, num compromisso ético e de responsabilidade.

Em *Encontros na análise de discurso*, organizado por Adorno de Oliveira *et al* (2019), Eni Orlandi nos conta sobre seu encontro com Pêcheux no Brasil, em 1982. Nesta oportunidade, Orlandi relembra que conversaram sobre os caminhos percorridos pela Análise de Discurso no Brasil e combinaram a próxima vinda de Pêcheux para agosto de 1984, mas sua morte prematura, em 1983, impediu o curso planejado que Pêcheux proferiria em terras brasileiras. Mesmo que o tempo tenha sido abreviado, como nos traz Orlandi: “eu sabia que eu havia encontrado um autor com letra maiúscula, um fundador, que permanece presente em minha vida intelectual e acadêmica como um programa de trabalho e de reflexão incessante, aberto, e que se volta sempre para o futuro.” (Orlandi, 2019, p. 27).

Este Dossiê é um pouco a oportunidade de falar deste futuro que menciona a autora, um futuro que permite refletirmos sobre a pertinência e importância teórica que seguem fazendo pulsar a obra de Pêcheux no Brasil e sustentando pesquisas de diferentes e novas materialidades discursivas. É desse modo que os pressupostos pecheutianos continuam profícuos, ao mesmo tempo em que permitem releituras, elaborações teóricas, autoria.

Em *Ler Michel Pêcheux hoje* (2011), texto que abre a obra *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*, na qual Orlandi reúne textos fornecidos pela viúva do autor, Angélique Pêcheux, a autora reafirma que Pêcheux nos ensina que “nenhum campo do conhecimento é indiferente à linguagem” e, neste campo, “as questões nunca estão já sempre respondidas. Elas retornam. Não só as questões retornam, como a análise de discurso proposta por Pêcheux é um campo aberto à reflexão, a uma práxis teórica não servil.” (Orlandi, 2011, p. 12).

É essa não servidão que nos move e nos encoraja a continuarmos pensando este campo teórico-analítico, a partir de questões que nos tomam deste lado de cá do Atlântico. E se, segundo o que aprendemos com a AD, é a práxis que nos leva à teoria em busca da problematização do real, este campo se mantém permanentemente vivo e

comprometido com um trabalho sobre os sentidos, sempre moventes, e com eles sobre os sujeitos, as línguas e o social. A partir desta herança, o trabalho não se dá passivamente, pois implica uma “leitura sintomal” (Althusser, 1979) da realidade que nos circunda e demanda tomadas de posição.

É importante dizer que não caminhamos sós, afinal, Pêcheux nos ensinou a trabalhar em grupo e lançar mão de parcerias teóricas que ampliam o olhar sobre nossos *corpora*. Pêcheux assume um discurso fundador, mas não o faz sozinho, e assim também nós, no Brasil, continuamos seu projeto a várias mãos. Desse modo, além dos textos que lemos de Pêcheux, tomamos como inspiração este **fazer com, fazer junto**, produzir em coautoria, práticas que alimentam e impulsionam um trabalho coletivo em torno de sua obra. Esta inspiração do **fazer com** está no modo como a AD foi se disseminando no Brasil por meio da contribuição decisiva de Eni Orlandi e a partir dos trabalhos que orientou durante todos estes anos em terras brasileiras, alcançando os recantos do país inteiro. Inspiração esta que também ganhou o feito de importantes eventos que congregam os(as) pesquisadores(as) brasileiros(as) em torno deste campo, como o Seminário de Estudos em Análise de Discurso (SEAD) e o Seminário Discurso, Cultura e Mídia (SEDISC).

O SEAD foi realizado pela primeira vez, em 2003, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, quando, sob a liderança das professoras Maria Cristina Leandro Ferreira e Freda Indursky, organizou-se um evento para “lembrar” dos 20 anos do desaparecimento de Michel Pêcheux, mas também para homenagear esse autor tão importante para as pesquisas no campo da AD brasileira. Foram convidados três pesquisadores franceses que trabalharam/escreveram com Pêcheux: Michel Plon, Jean-Jacques Courtine e Françoise Gadet. O evento, com o tema “Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar”, foi organizado em torno de painéis temáticos, nos quais pesquisadores(as) e debatedores(as) convidados(as) discutiram os principais textos de Pêcheux.

Depois dessa primeira edição do evento, os(as) pesquisadores(as) brasileiros(as) ficaram tão entusiasmados com a proposta de um evento exclusivo de Análise do Discurso pecheutiana, que resolveram dar continuidade ao SEAD, que chegou, em 2025,

à sua 12ª edição. De 2003 a 2013, o SEAD foi realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre. Em 2015, veio para o Nordeste do Brasil, tendo sido realizado, na Universidade Federal de Pernambuco, de 2015 a 2023. Em 2025, a organização ficou sob a responsabilidade da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), que sediou a última edição do evento. Trata-se de um evento já consolidado na área, que viu crescer muito o número de participantes e do qual já resultaram muitas publicações.

Com a ida do SEAD para o nordeste brasileiro, sentimos a necessidade de continuar abrigando no sul do Brasil o debate, e foi assim que o SEDISC nasce em 2012, na Universidade do Sul de Santa Catarina (UniSul), com o objetivo de congregar grupos de pesquisa em Análise do Discurso, integrando suas propostas em redes e oferecendo espaço para a discussão de pesquisas concluídas ou em andamento. O evento foi crescendo e, em 2015, se uniu à UNICAMP, como universidade parceira na organização do evento, e, em 2018, à UFRGS. Em 2026, o evento vai para a sua VII edição.

Esse preâmbulo nos mostra como a produção intelectual em torno da obra e do pensamento de Michel Pêcheux é consistente aqui no Brasil, com pesquisadores(as) muito atuantes nas mais diferentes Instituições de Ensino Superior, espalhadas nas cinco regiões do país. A Análise do Discurso materialista, ou Análise de Discurso Brasileira (ADB), também está presente na Educação Básica, sobretudo nos Institutos Federais, onde atuam vários doutores(as) formados(as) em diferentes Programas de Pós-Graduação.

É toda essa presença que se marcou no *Colloque International Actualité de Michel Pêcheux*, realizado em Paris, em fevereiro de 2025, nas Universités Paris Nanterre e Paris Est Créteil, cujo diálogo procuramos estabelecer a partir dos artigos que compõem este dossiê², e que passamos a apresentar, como resultado de parte dos trabalhos de pesquisadores(as) brasileiro(as), participantes desse evento.

Para abrir este dossiê, trazemos o artigo *Théorie matérialiste du discours : une question révolutionnaire* (**Teoria materialista do discurso: uma questão**

² Esclarecemos que a revisão das versões em língua francesa dos textos publicados é de reponsabilidade dos autores.

revolucionária), escrito por Helson Flávio Silva-Sobrinho, Lídia Ramires e Sóstenes Ericson. Nele, os autores retomam os diálogos de Pêcheux com os escritos de Marx e Engels, apontando para a raiz revolucionária do pensamento de Pêcheux, seus laços profundos com o materialismo histórico e seu compromisso de transformação social. Ao tratar da relação indissociável entre os fundamentos do modo de produção e a reprodução social, os autores insistem na necessária compreensão de que é preciso que o trabalho do analista de discurso passe pela compreensão profunda das relações econômicas, sociais, políticas e jurídicas que constituem uma formação social e que se entranham nas práticas discursivas que nela se produzem, porque só assim é possível pensar com Pêcheux (Herbert, [1972] 2011) o discurso como instrumento de transformação da prática política. Os autores nos oferecem uma leitura densa, provocadora e necessária, afirmando que “Ler Pêcheux é, portanto, apenas abrir novos horizontes no campo das ciências humanas, mas também enfrentar os obstáculos, já que participamos, de uma forma ou de outra, da reprodução/transformação social.”

No artigo intitulado *Analyse de discours forgés dans la matérialité numérique - Une proposition de dispositif d'analyse des 'réseaux sociaux* (**Análise de discursos forjadas na materialidade digital - uma proposta de dispositivo de análise de redes sociais**), as autoras Solange Gallo e Juliana da Silveira apresentam algumas noções que desenvolveram para compor com um dispositivo analítico específico para os discursos que circulam, se formulam e se constituem na materialidade digital. Para desenvolverem análises a partir desse dispositivo, qualificam como espaços enunciativos informatizados (Gallo; Silveira, 2017) os espaços da internet que são acessados individualmente – por meio de login e senha –, que constroem tecnicamente contextos de enunciação. As autoras partem de Pequeno (2020), que considera o avatar como um conjunto de “clivagens subterrâneas”, na materialidade digital, que são formuladas para descrever e explorar o sujeito das redes. Se, por um lado, o sujeito do discurso, em sua prática discursiva, se relaciona com uma forma-sujeito (Pêcheux, 1988, p. 216), por outro lado, esse sujeito, ao se relacionar com a forma técnica de um sujeito-enunciador-avatar, verá necessariamente seu saber constitutivo deslocado permanentemente. Neste

trabalho, as autoras mobilizam esse dispositivo em uma análise na qual exploraram a polêmica como materialização resultante desse funcionamento.

Da polêmica nas redes a arquivos políticos-midiáticos sobre a eleição presidencial de 2018, no Brasil, a discussão segue em torno da política brasileira, No artigo *La problematisation des dispositifs discursifs pour l'analyse des dictibilités politique-médiatiques au présent* (**A problematização de dispositivos discursivos para a análise de visibilidades político-midiáticas na atualidade**), as autoras Elaine de Moraes Santos e Kátia Alexsandra dos Santos nos trazem uma instigante reflexão sobre a noção de *sensibilidades epistêmicas*, buscando um diálogo com a Análise do Discurso. Para isso, retomam as propostas existentes na teoria sobre o sujeito enunciativo e mobilizam um dispositivo de análise dos arquivos político-midiáticos brasileiros da eleição presidencial de 2018, com destaque para as categorias de copresença e nomeação.

Também no campo da política, temos o artigo *La langue est une question d'État: une analyse des Métaphores de Lula* (**A língua é uma questão de Estado: uma análise das metáforas de Lula**), no qual Andréia Daltoé volta à sua pesquisa de doutorado (2011), transformada em livro em 2022, para revistar o trabalho que desenvolveu sobre a noção de metáfora, ao investigar as Metáforas de Lula (ML). Este trabalho procura dar luz à contribuição importante de Pêcheux e seus parceiros teóricos sobre a noção de metáfora, suspendendo-a do campo da retórica para considerá-la a partir do processo discursivo que a coloca em jogo. Perpassando os momentos teóricos em que a metáfora é problematizada no campo da Análise de Discurso de linha materialista, a autora nos traz a análise de uma ML proferida em 1989 para, desse modo, explicar como compreende o trabalho da metáfora como um furo no campo dos sentidos, uma mexida nos sistemas de referência, que permite que o dizer rompa com os rituais estabelecidos e abra espaço para a construção de outros sentidos no campo da política e do político.

Das metáforas para a sintaxe, somos convidados a ler o artigo *Syntaxe, discours et ambivalence: une analyse discursive de l'opérateur « mais »* (**Sintaxe, discurso e ambivalência: uma análise discursiva do operador “mas”**), de autoria de Carolina Fernandes, no qual a autora investiga os efeitos discursivos da conjunção “mas”, na relação entre sintaxe e discurso, com base na leitura de imagens do livro *Cena de Rua*

(1994), de Angela Lago, feita por alunos brasileiros do sétimo ano. A enunciação “Era uma vez um menino verde, mas que era negro” serve como ponto de partida para refletir sobre como a articulação entre linguagem e história produz efeitos de ambivalência, e não apenas de oposição. A partir das formulações de Pêcheux, Gadet, Orlandi, Le Goffic e Leandro-Ferreira, argumenta-se que a ambivalência é uma forma de funcionamento da língua em sua materialidade simbólica. O operador “mas” evidencia a tensão entre sentidos contraditórios e revela como certas formações imaginárias, como “a criança de rua”, são atravessadas por ideologias que se manifestam linguisticamente. O estudo demonstra que a sintaxe, longe de ser neutra, participa da constituição do sentido e pode revelar zonas do impossível da linguagem.

No campo do artístico, no artigo *Remontons des matérialités discursives à l'imbrication matérielle: geste de lecture de l'artistique d'un social en lutte* (**Remontando das materialidades discursivas à imbricação material: gesto de leitura do artístico de um social em luta**), as autoras Nadia Neckel e Suzy Lagazzi se interrogam pelos funcionamentos do artístico, práticas poéticas-políticas, capazes de abrir brechas em um social sempre dividido pelo político. Percorrendo a linguagem performática, as autoras analisam registros fotográficos da performer bávara-baiana Juliana Wähner; imagens que fazem intervenção no social, sendo consequentes com a empreitada pecheutiana de que fazer teoria é fazer política! Para tanto, chamam à escuta teórica formulações contra-coloniais, que especializam a análise discursiva de diferentes materialidades em imbricação, na coerência de Pêcheux que sempre insistiu: o objeto da Análise do Discurso é o discurso. Ao dedicarem-se à compreensão do funcionamento do Discurso Artístico (Neckel, 2004), vão tecendo um gesto analítico que dá a ver a intervenção por meio do corpo-arte, que busca perturbar a ordem do estabilizado. A análise explora, tal como a performance, a deriva turvando certezas que enquadram nosso olhar. Um gesto analítico que abre espaço para disjunções e deslocamentos. Um texto que nos mostra os avanços da Análise de Discurso (AD) materialista franco-brasileira, ao operacionalizar a noção pecheutiana “não subjetiva da subjetividade”, articulando Projeções Sensíveis (Neckel, 2010) e Imbricação Material (Lagazzi, 2009) nos registros fotográficos de Juliana Wähner, como intervenções sócio-históricas que

perturbam estabilizações discursivas. Sua leitura fortalece a politização teórica, provando que fazer AD é fazer política em fronteiras sensíveis do social.

Fruto de pesquisa desenvolvida no Museu Nacional, o artigo *Peuples autochtones des provinces du nord de l'Empire (XIXe siècle): langues et éducation indigenes en Amazone sous le rapport de Gonçalves Dias en voyage au Rio Negro* (**Povos originários das províncias do norte do Império (Século XIX): línguas indígenas e educação na Amazônia: o relatório de Gonçalves Dias em uma viagem ao Rio Negro**), de Lucas Nascimento, analisa discursivamente os relatórios (Dias, 1861) e o diário (Dias, 2002) de Gonçalves Dias sobre a situação escolar no Alto Rio Negro, com foco na educação e na diversidade linguística dos povos originários da região. Ancorado na História das Ideias Linguísticas e na Análise do Discurso, o trabalho de Nascimento estrutura-se em quatro eixos: a) análise das relações de poder implicadas na expedição, que permitiram compreender o funcionamento discursivo das descrições realizadas por Gonçalves Dias “como contribuição à formação da educação escolar indígena e às suas negociações iniciais no contexto das províncias do Norte”; b) investigação do processo de institucionalização da Língua Portuguesa entre os povos Baré e Baniwa, utilizando as contribuições de Dias para analisar as representações sobre as línguas indígenas; c) compreensão da discussão sobre o ensino, a estrutura escolar e o perfil dos professores, abordando como Dias destacava a visão da escola como meio de suprimir a língua nativa e/ou apontava os conflitos com os costumes locais, como a ausência dos alunos durante os meses de pesca, por exemplo; d) investigação da menção ao léxico empregado nesses documentos, considerando, inclusive, o modo como esses povos foram representados nas exposições em Londres e no Rio de Janeiro. Ao analisar as discursividades sobre as línguas Baré e Baniwa, o artigo questiona o sentido dos saberes culturais e linguísticos e suas relações com o processo de divisão do Império e a consolidação do português como língua nacional, contribuindo para a compreensão de como a história das ideias linguísticas está intrinsecamente ligada às políticas de colonização e ao silenciamento dos povos originários.

Da política linguística colonialista ao impensável de uma “tragédia climática”, chegamos ao artigo *Processus discursif, contradiction et surdétermination : ce que le*

climatique dit sur la catastrophe (**Processo discursivo, contradição e sobredeterminação: o que o climático diz sobre a catástrofe**), de Luciana Iost Vinhas, em que nos propõe uma análise discursiva materialista da catástrofe climática no Rio Grande do Sul, ocorrida em 2024. Filiada à Análise de Discurso de Michel Pêcheux, em diálogo com Althusser e trazendo as formulações Zoppi-Fontana, a autora analisa, de modo muito consequente, como a designação “tragédia climática” se estabiliza, produzindo efeitos de evidência e naturalização que apagam contradições históricas, políticas e econômicas. O termo “climático” se marca como determinante ideológico, deslocando o evento para o domínio do inevitável e natural, enquanto as formulações midiáticas e políticas se marcam pela sobredeterminação, construindo sentidos de catástrofe como fato neutro, que reforça, no laço social, a despolitização, fazendo emergir argumentação de união. A autora nos chama atenção para o efeito desta sobredeterminação sobre a reflexão crítica. As narrativas de “união”, produzidas a partir de uma posição dominante, moldam o que deveria ser lutas coletivas, próprias do político. Ao articular intradiscurso, contradição e sobredeterminação, o texto evidencia como diferentes cadeias significantes produzem sentidos de consensualidade, mas que, de fato, funcionam na reprodução da ideologia dominante. Ao mesmo tempo, mostra que o trabalho da contradição nunca cessa: outras formulações irrompem, tensionam o dominante e exibem a historicidade dos sentidos.

Fechando o dossiê, temos o artigo de Renata Adriana de Souza, *Les mères de mai et l'action politique d'un sujet-mère contre la Violence d'État* (**Mães de maio e a atuação política de um sujeito-mãe contra a Violência de Estado**), que discute a violência racial como política de Estado no Brasil. A discussão se ancora na análise de um testemunho, Débora Silva, que é fundadora do Movimento Independente Mães de Maio. Seu testemunho, registrado em um documentário, desestabiliza versões oficiais, denuncia a atuação do Estado e se configura como gesto de resistência diante da violência de que foi vítima. No caso aqui analisado, o testemunho das Mães de Maio revela como a violência de Estado opera por meio da racialização, legitimando a extermínio de jovens negros das comunidades periféricas. Ao negar a versão oficial, que buscava relacionar os atentados ao Primeiro Comando da Capital (PCC), o movimento

confronta a seletividade da repressão estatal e denuncia as contradições de um Estado que se apresenta como garantidor da lei, mas que produz e mantém práticas de extermínio.

Os textos que compõem este dossiê são fruto de alguns dos trabalhos aprovados e apresentados pelos(as) pesquisadores(as) brasileiros(as), filiados à Análise do Discurso materialista, que se fizeram presentes no Colloque Actualité de Michel Pêcheux.

Consideramos que os trabalhos aqui reunidos, e outros que serão publicados na Revista Linguagem em (Dis)Curso, no início de 2026, mostram a atualidade do pensamento de Pêcheux e a força do empreendimento teórico que liderou, o que se concretiza na possibilidade de que suas ideias sigam vivas, fortes e renovadas entre nós. O Brasil, e isso já há bastante tempo, tem sido um lugar de escuta acurada, crítica, o que permite uma interlocução inquieta e acolhedora, sem receio de enfrentar os desafios constantes que a conjuntura sócio-política nos impõe. Na linha do que o próprio Pêcheux nos diz em seu texto inédito, escrito em 1982 e publicado em 1983, o atual desafio da Análise do Discurso “é sua capacidade de responder (por meio da reelaboração, atualmente em curso) a essa ampliação da cena de seu objeto, que a obriga a se submeter sem reservas às materialidades discursivas que atravessam o concreto histórico/cotidiano das massas [...]” (Pêcheux, 1983, p. 28). Encerramos assim com as palavras de Michel Pêcheux, com o qual, nós, brasileiros(as), construímos uma relação de nunca acabar!

Referências

ADORNO, G. *et al.* (org.). **Encontros na análise de discurso**: efeitos de sentidos entre continentes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

ALTHUSSER, L. O objeto de O Capital. In: ALTHUSSER, L.; BALIBAR, É.; ESTABLET, R. **Ler o Capital**. Paris, França: Maspero, 1980. p. 7-152.

GALLO, S.L.; PEQUENO, V.; SILVEIRA, J. Normatização, midiatização e espaços enunciativos informatizados ou: O que torna possível o efeito de sentido de fakenews. *In: Anais IX SEAD - Seminário de Análise do Discurso*, Recife: UFPE, 2019. v. 1. p. 1-10. Disponível à: <https://www.discursousead.com.br/simposios-ix-sead>.

GALLO, S. L.; SILVEIRA, J. Forma-discurso de escritorialidade: processos de normatização e legitimação. *In: Gallo, S.L; Flores, G.B; Neckel, N. M.; Lagazzi, S.; Pfeiffer, C.C.; Zoppi-Fontana, M. (org.). Análise do Discurso em rede: cultura e mídia*. Vol 3. Campinas: Pontes, 2017, v. 3. p. 171-194.

HERBERT, T./PÊCHEUX, M. Réflexions sur la situation théorique des sciences sociales et, plus particulièrement, de la psychologie sociale. *Tempo Brasileiro*. N° 30-31, juin-décembre 1972 (original : Cahiers pour l'Analyse, n° 2, mars-avril 1966). Tradução brasileira de Mariza Vieira da Silva e Laura A. P. Parisi. Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especialmente, da Psicologia Social. *In: PÊCHEUX, M. Análise de discurso: Michel Pêcheux*. Textos escolhidos por Eni Orlandi. Campinas, SP, Pontes, 2011. p. 21-54.

LAGAZZI, S. O recorte significante na memória. *In: INDURSKY, Freda; LEANDRO FERREIRA, M. C.; MITTMANN, S. (org.) O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras*. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 67-78.

NECKEL, N. R. M. **Discurso artístico**: o verbal e o não verbal. 2004. 153 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

NECKEL, N. R. M. **Tessitura e Tecedura**: movimentos de compreensão do discurso artístico no audiovisual. 2010. 239 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

ORLANDI, E. P. Ler Michel Pêcheux hoje. *In: PÊCHEUX, M. Análise de discurso: Michel Pêcheux*. Textos escolhidos por Eni Orlandi. Campinas, SP, Pontes, 2011. p. 11-20.

ORLANDI, E. P. Entrevista com Eni Orlandi: “Penso que toda história intelectual começa muito antes de começar.” *In: ADORNO, G. et al. (org.) Encontros na análise de discurso: efeitos de sentidos entre continentes*. Campinas, SP: Pontes, 2019. p. 21-90.

PÊCHEUX, M. [1975]. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. de Eni Orlandi *et al.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, M. Le structuralisme brûle-t-il? Texto inédito conservado no Fonds PCH) [1982]. *Fonds PCH*, n. 10, IMEC, Caen, 1983.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina; GRIGOLETTO, Evandra; SILVEIRA, Juliana da;
DALTOÉ, Andréia da Silva

PEQUENO, V. **Tecnologia e esquecimento**: uma crítica a representações universais de linguagem. Campinas: Ed. Pontes, 2020.

Recebido em 02/12/2025.

Aprovado em 02/12/2025.